

“Cá em casa é só por amor”

O Profissionalismo Marrom nos Subúrbios Cariocas

GLAUCO JOSÉ COSTA SOUZA¹

Introdução

A história do futebol no Rio de Janeiro está repleta de episódios que se encontram a espera de pesquisadores ávidos por desvendá-los. O presente trabalho tem por objetivo prestar sua contribuição neste sentido ao trazer para a discussão o olhar dos clubes de menor expressão durante uma parte do chamado Profissionalismo Marrom, que consistiu na transferência de atletas e em suas conseqüentes remunerações para defender equipes com as quais não possuíam outros vínculos.

Sendo o futebol considerado um esporte amador no Rio de Janeiro até a década de 1930, isso não significou, entretanto, que os jogadores atuassem apenas em troca das glórias advindas das vitórias. Foi comum, já na década de 1910, mas principalmente nos anos 1920, aos *sportsmen*, que outrora eram apontados como amantes do esporte bretão, defenderem clubes de futebol em troca de algum tipo de pagamento (bicho).

Muitas vezes, jogadores de equipes suburbanas foram convidados para defender times de outra localidade, com a qual não possuíam nenhuma identificação. Chamados de “profissionais”, como denominava o Jornal Gazeta Suburbana, esses jogadores aceitavam tal desafio em troca de algum tipo de remuneração que, mesmo não sendo em dinheiro, se contrapunha ao amadorismo pelo esporte pregado até então.

As vantagens técnicas para os clubes que passavam a contar com esses novos elementos eram grandes, haja vista o Club de Regatas Vasco da Gama, por exemplo, ter montado uma equipe campeã no Rio de Janeiro com a base do time do Engenho de Dentro Athletic Club, que havia sido tricampeão da Liga Suburbana anos antes.

Neste sentido, como se dava a percepção do Engenho de Dentro A. C. e de outras equipes que viam seus jogadores se transferirem para outros centros do futebol? Será que aceitaram tudo bestializados? É na busca para tentar responder a essas indagações que o presente trabalho se debruça.

Por meio de cartas e notícias publicadas em jornais e revistas da época (1907 – 1924), tentaremos responder a esses pontos, trazendo à superfície um pouco do olhar dos clubes e

¹ Mestrando em História Social, pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

aficionados que perderam seus jogadores durante o Profissionalismo Marrom. Sem ignorar o impacto dessa ação para os jogadores e os clubes que os convenciam a mudar de equipe, traremos para a discussão elementos que ajudam a observar o lado dos jogadores que não participavam desse processo, bem como dos times que viam seus principais elementos os deixarem.

O futebol é uma importante prática esportiva que pode carregar em si fortes traços da dinâmica social e cultural local. No caso dos Subúrbios do Rio de Janeiro isso não é diferente e, como região de forte identificação entre seus habitantes, nos é possível compreender como foi a sua reação durante parte do período do Profissionalismo Marrom no futebol carioca.

Quem jogava *football* no Rio de Janeiro?

O futebol chega ao Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX, mas seu desenvolvimento, enquanto prática corporal, só passou a ocorrer nas primeiras décadas do século XX. Clubes esportivos já existentes passaram a inseri-lo em suas atividades, como ocorreu no Rio Cricket and Athletic Assotiation, em Icaráí, onde “uma festa foi organizada pela colônia britânica existente no Rio de Janeiro do século XX para a comemoração da coroação do Rei Eduardo VII²” (Jornal do Brasil, em 22/06/1902), bem como outras agremiações eram criadas especificamente para este fim, tal qual aconteceu com o Fluminense Football Club.

Longe das instituições, o futebol também ia ganhando corpo nos espaços públicos do Rio de Janeiro. “Teve começo no domingo último (05/05/1901) no jardim da Praça da República, a temporada deste anno dos jogos gymnasticos dirigidos pelo professor Arthur Higgin” (Jornal Gazeta de Notícias, em 12/05/1901). Por aproximadamente duas horas e meia, 19 moços se divertiram em três partidas e *hockey* e uma de *football* em uma região a céu aberto do Rio de Janeiro.

Comum também era a prática do futebol nas ruas do Rio de Janeiro, o que, é importante destacar, nem sempre terminava de maneira tranquila. Na seção Queixas do Povo, do Jornal do Brasil, em 04/09/1902, é possível identificar um desses momentos de infortúnio. “Queixam-se os moradores da rua Barão do Flamengo de que essa rua está, à tarde e pela manhã, cheia de afficcionados do jogo denominado *football* e o jogam de modo que chegam a

² Rei desde a morte de sua mãe, a Rainha Vitória em 22/01/1901, mas só foi coroado em 09/08/1902.

quebrar vidraças, como aconteceu com as do Hotel dos Estrangeiros”. A reclamação não demonstra ser de um fato isolado, mas sim de uma situação frequente nas ruas cariocas. O jogo com bola não estava limitado aos clubes, ele era praticado também fora dessas instituições, pois era simples: necessitava de uma bola, que podia ser improvisada com um objeto redondo, assim como os demais instrumentos usados para a prática do esporte.

Os motivos pelos quais o futebol passou a se disseminar no Rio de Janeiro no século XX se devem, em grande parte, às características e também ao contexto em que estava inserido, no qual se vivia uma grande febre esportiva.

Já desde o século XIX, a educação física ganhava contornos mais relevantes no Rio de Janeiro, fazendo com que o turfe, um dos esportes mais tradicionais até então, perdesse prestígio. Como apontado pelo Jornal do Brasil, o turfe poderia levar “à comodidade perniciosa do jogo, de dissipação e de um falso luxo” (Jornal do Brasil, em 30/11/1891).

Esse é um cenário ruim para o Brasil do final do século XIX, já que é de conhecimento notório que tanto “na luta cruenta da guerra, como na luta pacífica da indústria, a victoria caberia ao povo phisicamente mais forte” (Jornal do Brasil, em 30/11/1891), mas àqueles que veem apenas o sentido comercial do esporte (como, por exemplo, os que se concentram apenas nas apostas e venda de bilhetes), isso não importa.

A necessidade de desenvolver práticas em que a resistência física fosse mais destacada era, pois, necessário. Contudo, já na reta final do século XIX, a ginástica, a esgrima, a canoagem ou as corridas a pé não eram estimuladas, assim como também não o eram os esportes estrangeiros dentre os quais estão futebol e o críquete, por exemplo.

“Os parques e jardins são abandonados ou apenas frequentados por vagabundos ou viciados, ninguém anda a pé, todos se furtão aos exercícios, e a rua do Ouvidor, estreita, quente, abafada, quase lóbrega, basta”, exclamava o Jornal do Brasil, em 30 de novembro 1891. Curiosamente, 10 anos depois, um desses locais, a Praça da República, passaria ser ocupada pelos jogos do Professor Arthur Higgin, como mostrado anteriormente.

Ao mesmo tempo, esportes como a canoagem, o yatching e o alpinismo tinham estímulos naturais da enseada de Botafogo e das montanhas que cercavam a Capital Federal. Só lhes faltava o estímulo de serem explorados por meio do esforço humano, como já acontecia com o remo desde meados do século XIX e que passou a crescer ainda mais no final dos anos 1800 e início dos anos 1900.

Enfim, nos anos iniciais do século XX já estavam lançadas as bases e estabelecidos os sentidos básicos do que Nicolau Sevcenko chama de “febre esportiva” (1998); que vinha se desenvolvendo desde meados do século XIX. Naquela primeira década, outras práticas esportivas já estavam em processo de organização: atletismo, natação, polo aquático, ciclismo, equitação, esgrima, tiro ao alvo, tênis, automobilismo e a prática que mais marcaria a cidade [do Rio de Janeiro] e o país, o futebol. (MELLO, 2010: 72)

O futebol se insere nesse processo com bastante êxito devido as suas características. “Como um dos muitos divertimentos de lazer, os trabalhadores tenderiam a abraçar aquelas em que melhor pudessem equilibrar o gozo e bolso, isto é, buscariam um passatempo divertido e acessível financeiramente” (SOUZA, 2015: 47).

Se por um lado o turfe exigia o cavalo de boa qualidade e, conseqüentemente, preço elevado, o remo era também privativo da alta mocidade carioca, a única “que poderia organizar clubs voltados à prática desses exercícios, adquirir embarcações e praticar a canoagem” (Jornal do Brasil, em 30/11/1891). Mas o futebol, quando exigia a bola, esta custava em torno de “cinco, seis mil réis cada uma” (Jornal do Brasil, em 09/08/1905) e, mesmo quando não fosse possível ter uma, dava-se para jogar “a tal porqueira com tudo quanto apanham que é redondo” (Jornal do Brasil, em 09/08/1905), inclusive as frutas como laranjas ficavam sujeitas aos chutes de pés nervosos em praticar o esporte inglês. O futebol é, portanto, mais acessível do que outros esportes.

De maneiras diversas, as classes baixas também puderam desfrutar do esporte bretão, pois o futebol, diferentemente do remo, do turfe, do ciclismo ou do alpinismo, não era refém de instrumentos para ser praticado, isto é, enquanto, sobretudo o remo e o turfe, precisavam, obrigatoriamente, de barcos e cavalos, o futebol não exigia nem mesmo uma bola oficial. (SOUZA, 2015: 46)

Diante dessa conjuntura, o futebol não ficou restrito a um único espaço geográfico na Capital Federal, como mostram os diversos clubes de futebol: “Foot-ball & Athletic Club, Bangu Athletic Club, Botafogo Foot-ball, America Foot-ball Club, Internacional Foot-ball Club, Colegio Militar Foot-ball Club, Escola Militar Foot-ball Club, etc” (Jornal do Brasil, em 30/10/1905).

Concomitante ao surgimento de novas associações também vieram as competições. Em 1906, teve início a disputa da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres, competição que hoje dá origem ao Campeonato Carioca de Futebol e que teve como participantes de sua

1ª edição o Bangu Athletic Club, o Botafogo Football e Regatas, o Fluminense Football Club, o Football and Athletic Club, o Payssandu Cricket Club e o The Rio Cricket and Athletic Association

No ano seguinte, foi criada a Liga Suburbana de Futebol, da qual tomaram parte o Riachuelo, que foi o vencedor dos 1º e 2º quadros, o Sport Club Mangueira (da Tijuca), fundado em 27 de julho de 1906 – vice-campeão no 2º quadro; o Nacional Football Club (do Riachuelo), fundado em 1º de agosto de 1906; o Pedregulho Football Club (de Benfica), fundado em 03 de maio de 1906 – vice-campeão no 1º quadro; e o Sampaio Football Club (do Sampaio), fundado em 17 de junho de 1906, mas que não chegou a terminar o torneio, pois se retirou por falta de jogadores (Jornal do Brasil, em 17/06/1907).

Além dessas competições, diversas outras “Ligas Alternativas” entraram em cena no cenário carioca, indicando, não só a difusão do futebol entre a população do Rio de Janeiro, como também uma tentativa de, ainda na primeira década do século XX, dar-lhe um caráter organizado.

Quem jogava o *football* no Rio de Janeiro no início do de seu desenvolvimento eram todos aqueles que tivessem o desejo de fazê-lo. Dentro dos clubes, era preciso respeitar ao que determinava seus estatutos e também aos regramentos das competições, contudo, fora deles, nas ruas do Rio de Janeiro, havia mais liberdade para praticá-lo, ainda que não fossem poucos os embates com a polícia para colocar ordem naquela prática que poderia terminar em brigas, prejuízos ou simplesmente perturbar a região em que ocorria.

Da Liga Suburbana ao Celeiro de Craque

Nos Subúrbios (situados ao redor da área Central e onde hoje podemos situar as Zonas Oeste e Norte da cidade do Rio de Janeiro), região em que se dizia ter “os malfeitores de toda casta que neste último tempo tem infestado” (Gazeta de Notícias, em 14/12/1905), era possível assistir a partidas de futebol como a que ocorreu em 14 de novembro de 1905, entre o Club Athletico do Meyer e o Joung’s Football Club, a qual, segundo o Gazeta de Notícias, “correu animada, mostrando ambos os competidores o perfeito conhecimento do jogo” (Gazeta de Notícias, em 15/11/1905). Assim como no centro da Capital Federal, nos seus arredores também havia gente praticando o futebol e fundando clubes para isso.

Adiantam-se bastante nos subúrbios o entusiasmo e animação pelos jogos athleticos. Já se fala numa liga suburbana e a rapaziada não pensa noutra coisa.

Domingo ultimo [24/03/1907] foram disputados vários matches. No campo do Cascadura (...) [e] No campo do Sport Club Mangureira. (Gazeta de Notícias, em 28/03/1907).

De tal forma que não demorou muito para também ali nascer uma das principais competições de futebol do Rio de Janeiro.

Sob o título de Liga Suburbana de Football, quatro clubs se confederaram para este anno disputar um campeonato regional sob seus auspícios.

Fazem parte da referida Liga o Riachuelo F.C., Nacional F.C., Sampaio F.C. e Mangureira F.C. (Jornal do Brasil, em 15/04/1907)

A criação dessa competição somente confirma o desenvolvimento do futebol nos Subúrbios, pois, mesmo com as barreiras impostas pela Liga Metropolitana, havia “cerca de doze a quinze clubs fora da Liga Metropolitana, alguns dos quaes bem florescentes e reunindo bons elementos para a disputa de uma prova de honra” (O Paiz, em 15/03/1907). Desse modo, a ocorrência da Liga Suburbana não surpreende.

Seus jogos, assim como aqueles realizados pela Liga Metropolitana, atraíam aos estádios “grande assistência”, sendo em geral “muito concorridos – contando mesmo com a presença de “muitas senhoras e cavalheiros” que atestavam o sucesso da iniciativa. O sucesso da nova entidade geraria, como consequência principal, o aparecimento por toda a cidade de diversas ligas congêneres, abrindo novos campos para a prática do jogo. Longe do monopólio pretendido pela Liga Metropolitana, o futebol ia assim alastrando-se por vários bairros e grupos da cidade. (Pereira, 2000, p.70)

Mesmo quando a primeira edição da Liga Suburbana chegou ao fim, como aconteceu no dia 29 de setembro de 1907, como informou o jornal Gazeta de Notícias (do dia 30/09/1907), o futebol ainda continuou acontecendo na região, já que clubes que ficaram de fora da competição continuaram realizando seus *match training*, como foi o caso do Piedade e do High Life.

A inserção do futebol nos Subúrbios era sentida também em seu cotidiano, mesmo em dias que não aconteciam jogos. Expressões que faziam menção ao esporte bretão se faziam presentes nos jornais locais para explicar determinadas situações. Para dar humor a situações do dia a dia, isso se tornou corriqueiro, como podemos ver abaixo:

Forte de orchestra. O Sport entrou répimamente pela Igreja a dentro, dominando-a. Já temos o Sport Ecclesiastico. O Padre Adolpho Veltri é tão entusiasta do Foot-Ball reservado de... Venus, que, não tendo á mão Venus, para a partida do costume, tirou-se na própria Igreja, á cabeça de um collega velho, suppondo-a uma bolla de borracha, e fez um jogão! Os Santos, dos seus nichos, applaudiram maravilhados! A

Moralidade Catholica levou uma tal pancada da bola, que ficou com o nariz em papas... de linhaça! Foi um chute soberbo! Que sucesso... (O Suburbio, em 31 de agosto de 1907).

Assim, o futebol se desenvolveu entre os moradores dos Subúrbios, tal qual ocorreu em outras diversas regiões da então Capital Federal. O Poder Público, por sua vez, incidia “Impostos sobre casas de sport na Capital Federal”, como salientara o Retrospecto Commerical, do Jornal do Commercio, em 31 de dezembro de 1907.

A imprensa da região também não podia ficar imune ao crescimento do esporte bretão e, como saída, designou cada vez maiores espaços para falar desse tema, bem como das personalidades que com ele lidavam, como fez o Jornal O Paiz, no dia 25 de abril de 1908, em relação ao Sr. Oscar Varella Homes de Mello, “que na roda foot-ballers passar por ser um destemido in-sid-right, além de ser director do Riachuelo F. Club e secretario da Liga Suburbana”, quando informou que o mesmo viajaria para Pindamonhangaba.

Do ponto de vista econômico, a difusão do futebol na região se refletiu nos setores secundários e terciários. Naquele, o ramo da construção civil foi contemplado quando o Riachuelo Football Club deu início aos “trabalhos da construção do ground deste club” (O Paiz, em 24/05/1908).

O campo, que fica esplendidamente localizado em ângulo da rua Vinte Seis de Maio e Conselheiro Magalhães Castro, na estação Riachuelo, tem grande largura, maior comprimento.

Ao fundo, já foi iniciada a construção do pavilhão, que consta de aposentos especiaes para mudança de roupa, banheiro, etc. secretaria Buffet, sala de assembléas e mais dependências necessárias.

É todo cercado de zinco, bastante alto.

A planta de construção determina a o circumdameno do ground, propriamente dito, por uma larga pista para corridas de bicycletas, etc. (O Paiz, em 25/05/1908).

Mesmo tendo se desligado da Liga Suburbana no ano seguinte após conquistar o seu título, o Riachuelo não ficaria sem competições para seus associados disputarem, já que o clube instituiu “o Campeonato Jupyra que será disputado annualmente somente pelos teams compostos de seus associados” (O Paiz, em 25/05/1908).

No setor terciário, por sua vez, o comércio nos Subúrbios também viu o futebol se inserir em seus produtos, como o fez a Calzolaria Fegore - Ercole Celento, situado na Rua

Dias da Cruz, 27, no Méier, ao destacar em seu anúncio que a sua especialidade eram calçados para Football (O Subúrbio, em 08/08/1908).

Observando a expansão do futebol na região, é possível perceber que, antes de ser dependente do desenvolvimento da Liga Suburbana e dos seus clubes, ele estava ligado ao cotidiano local. Tanto que, mesmo com a saída de elementos importantes para o torneio como o Riachuelo e o Sport Club Mangueira (A Imprensa, em 30/07/1909), sua difusão não cessou.

Ainda que as fontes sejam escassas neste momento a respeito da Liga Suburbana, é sabido que suas edições ocorreram pelo menos nos anos 1907, 1908, 1909, 1912 e 1916 até 1919, mas foi somente nestas últimas temporadas que a competição se tornou um celeiro de craques para algumas equipes da Liga Metropolitana, haja vista ser o futebol uma atividade corriqueira naquela região.

O Celeiro de Craques se esvazia

Mesmo nos anos em que a Liga Suburbana não aconteceu, isso esteve longe de significar que a prática do futebol estivesse comprometida, uma vez que não faltaram jogos amistosos entre equipes dos Subúrbios que atraíram grande público. A Revista Tico-Tico, em 1914, relatou um desses momentos:

Ramos Foot-Ball Club versus Progresso Foot-Ball Club. Com assistência numerosa, realizou-se domingo, 29 de março, no ground do primeiro, á rua Leopoldina Rego (Estação de Ramos), um amistoso match entre os primeiros, segundos e terceiros teams, das sociedades supras, da quaes sahi vencedor o Ramos Foot-ball Club em todos os teams.

A partida relatada acima indica, mais uma vez, que a difusão do futebol nos Subúrbios esteve independente da existência de alguma competição local, já que, os clubes contavam, neste momento, com o suporte do Estado por meio de isenções que determinavam que “as sociedades de regatas e de foot-ball ficam isentas do pagamento de todos os impostos, emolumentos e contribuições municipaes” (Publicações da Camara Municipal, em 1917), bem como dos

pagamentos de taxas alfandegarias todo o material desportivo importado directamente pelas sociedades de Football e Remo, de acordo com a lista mencionada, a saber: Football – Borzeguins de coro, meias, joelheiras, calções, bonnets, paletots, lenços, distintivos de metal ou panno, bolas, camaras de ar,

cordões de couro, redes para goal e cerca de arame para isolar campos. (Retrospecto Commercial, em 1917).

Não obstante, em razão do crescimento do esporte, seria somente com a sua organização entre instituições que os Subúrbios se tornariam celeiros de craques, ou seja, com a disputa da Liga Suburbana, em 1916, seus jogadores passaram a chamar a atenção de outras equipes, dada à elevação no nível de competitividade desse esporte.

O Foot-Ball nos subúrbios.

Amanhã, ao meio-dia, redacção da Gazeta Suburbana, no Engenho Novo, effectua-se mais uma reunião dos foot-ballers suburbanos.

Nesta reunião ficarão estabelecidas definitivamente as bases e as condições do torneio para a disputa da taça, instituída por aquele semanário. Serão, outrossim, discutidas as bases geraes para a fundação da “Liga Suburbana de Foot-Ball”, de accordo com os desejos manifestados em reuniões anteriores.

Não tendo sido enviados convites especiaes , os promotoes deste movimento em prol do sport nos subúrbios, pedem o comparecimento das directorias que estiveram presentes na ultima reunião e das directorias dos demais clubs suburbanos de foot-ball. (A Notícia, em 30/04/1916).

Consequentemente, com a retomada da Liga Suburbana, o comércio local encontrou um caminho para se desenvolver por meio de anúncios específicos, tais como esse retirado da Revista Tico-Tico, em 31 de julho de 1918: “As bolas Victoria produzem o mesmo effeito que as estrangeiras. A Liga Suburbana adopta-as e com grande resultado”. Valorizando a indústria nacional, que a época está produzindo mais em razão da Grande Guerra que assola o território europeu e dificultava as importações, a propaganda em questão mostra como a organização está presente no futebol e, principalmente, o nível de competitividade está cada vez mais elevado.

Neste sentido, o futebol jogado na rua passa ser encarado efetivamente pelo Poder Público como um problema, uma vez que o Sr. Carlos Reis, inspetor da Guarda Civil, determina aos seus subordinados que combatam o exercício do esporte bretão em vias públicas, como podemos ler na carta abaixo.

Sob a direcção do fiscal Herminio Silva é constituída nesta data uma turma de guardas civis para o serviço especial de repressão do denominado jogo de “football” na via publica. Aos rondantes, recommendo secundarem os esforços da referida turma, não tolerando a pratica deste jogo nos seus postos ou immediações, cabendo-lhes apprehender os petrechos do mesmo jogo e remettel-os á delegacia respectiva,

bem assim os jogadores recalcitrantes. Pede-se ao publico colaborar nesse serviço, organizado em seu proveito, bastando para isso comunicar á Inspectoria da Guarda, pelo telephone Central 248, o logar onde os vadios exercitam o citado jogo, perturbando o socego das famílias, e o livre transito das ruas. (Revista Contemporânea, em 17 de maio de 1919).

Dessa forma, é possível refletir sobre como o futebol nos Subúrbios, longe de uma prática sem controle, enfrenta diversos conflitos para, ainda que estabelecido na região, se desenvolver.

Todavia, as barreiras para o futebol nunca cessaram por completo, mas isto esteve longe de significar que o mesmo fosse impedido, já que, não só os jogos em vias públicas não deixaram de acontecer, como também, e principalmente, outras competições foram criadas para abarcar os muitos clubes criados até então, sendo a Associação Athletica Suburbana um exemplo disso.

Não demorou muito para os times que conseguiam se destacar na Liga Suburbana chamassem a atenção de outras equipes, normalmente com associados de maior poder aquisitivo e que ajudaram a atrair craques dos Subúrbios para a Liga Metropolitana.

Para este trabalho, analisaremos o caso do Vasco da Gama com o Engenho de Dentro Athletic Club. Tricampeão suburbano (1916, 1917 e 1918), o Engenho viu a base de sua equipe ser atraída para o time da Rua Morais e Silva.

O caso do Engenho de Dentro com o Vasco da Gama

Illmo. e Exmo. Sr. Redactor Sportivo da Gazeta Suburbana. Cordeaes saudações.

Dirijo-me a V. Ex., por ser o único homem capaz, neste momento, de enfrentar a situação, e, por ser o bem feito jornal que V. Ex. tão bem dirige, o único órgão suburbano que trata com carinho do sport no subúrbio.

Quero-me referir ao Sr. Achiles Pederneiras, que, como toda gente sabe, está fazendo um papel indigno e ante sportivo.

Esse Sr. Pederneiras, que jogou no Engenho de Dentro, e é actualmente Director sportivo do Vasco da Gama, não se envergonha de seduzir players desse club para o Vasco, promettendo naturalmente o que não tem competência para dar, e, embora tenha, não deixa por isso de ser evidente o seu papel.

A Directoria do Engenho de Dentro precisa tomar providências seria nesse sentido, pois, qualquer dia, o nosso glorioso club ficará sem elementos, visto o Sr. Pederneiras carregar todos para o Vasco da Gama.

Grato pela publicação desta, subscrevo-me, de V. Ex. Cdo e leitor, M. P. A. (Gazeta Suburbana, em 05/04/1919).

A carta apresentada acima foi escrito por um interessando no Engenho de Dentro que não se conforma com a maneira que alguns jogadores do seu clube se transferiam para o Vasco da Gama.

Segundo o pesquisador João Manuel Casquinha Malaia Santos, o Vasco da Gama mudava a lógica do futebol da época ao, ignorando questões de cor de pele e condição social, buscar montar equipes de alto padrão técnico no campo de jogo. Dado o alto nível de competitividade entre os muitos clubes do Rio de Janeiro, a medida tomada pelo clube de origem portuguesa foi de superar seus adversários dentro das quatro linhas, sem se importar com a constituição dos elementos que proporcionariam isso.

A diretoria do Vasco da Gama, sob a presidência de Francisco Marques da Silva, resolveu mudar a lógica do futebol até aquele momento. Sem se importar com a cor ou a condição social dos jogadores do seu primeiro quadro, e nem com seus dotes comprovados em grandes jogos, o Vasco contratou, de uma vez, seis jogadores dos dois melhores times dos subúrbios cariocas. O clube buscou o que se chama no futebol de a “espinha dorsal” do tricampeão suburbano. Nelson, o Chauffeur, foi para o gol vascaíno. (SANTOS, 2010: 209).

Para o jornal Gazeta Suburbana, a transferência desses atletas para o Vasco poderia ser resumida em uma verdadeira relação comercial. Em 5 de abril de 1919, o periódico destacava que “DIZEM...que o Vasco pretende contratar o Engenho de Dentro”.

O jogador de futebol se convertia em um verdadeiro trabalhador urbano. Com a popularização dos esportes e, principalmente, com o fenômeno futebol, jogadores oriundos das camadas menos abastadas se mostravam bons jogadores em clubes menores e passavam a ser interesse das grandes empresas do futebol, aquelas agremiações com potencial para lotar estádios e ter rendimentos anuais na casa das centenas de milhares de contos de réis. Aliás, esse novo trabalhador encaixava-se bem no modelo de trabalhador das cidades no início do século XX. (SANTOS, 2010: 212)

Nelson da Conceição era um desses casos e a Ata da 3ª Sessão da Diretoria do Vasco, de 1º de fevereiro de 1922, assinada pelo presidente Antonio Almeida Pinto, deixa isso claro ao indicar o pagamento da gratificação de 35\$000 ao arqueiro que a época tinha vínculo empregatício com uma loja de comércio de um dos sócios do Cruzmaltino.

Não só o pagamento em espécie nos é útil para mostrar o futebol servindo como fonte de renda para ele, mas também a assunção de suas dívidas com a farmácia, como, por exemplo, por meio de “uma conta de tratamento médico e farmácia para o jogador Nelson de 132\$500” (Ata da Diretoria do Vasco, em 8 de março de 1922), cujo valor supera e muito a remuneração de um proletário comum e até mesmo ao valor da gratificação recebida pelo goleiro no próprio Vasco da Gama. Em abril do mesmo ano, outra ata de reunião indicava o pagamento de 100\$000 ao mesmo jogador e para essa finalidade.

Segundo o jornalista Mario Lago Filho, esse tipo de prática recebia um único nome: bicho. “Por isso mesmo, além da casa, comida, roupa lavada e engomada, o português dava dinheiro aos jogadores de Moraes e Silva. (...) Toma lá, ó Nelson da Conceição para que não engulas nenhum gol” (FILHO, 2003: 123).

Os Subúrbios contra o Profissionalismo Marrom

Pelo lado dos times suburbanos, o processo de transferências de seus melhores jogadores para equipes da Liga Metropolitana não era ignorado. O Jornal Gazeta Suburbana, por exemplo, teceu duras críticas a esse movimento de “profissionalismo”. Por meio de anedotas cotidianas, é possível perceber isso como em “Um caso interessante....E...melindroso”:

Soubemos, que, em certa rua da Estação Piedade, um jogador de um club da Liga Suburbana, foi calorosamente seduzido por demoiselle, para deixar o seu club e ir jogar pelo...(?!?!?) naturalmente pelo club de que essa moça em questão é torcedora fanática...

Mas, apesar de todos e de todas as complicações que podem advir disto, sempre é melhor e mais correcto esse profissionalismo que o outro... o outro, o tal em que os cobres entram em scena...(Gazeta Suburbana, em 05/04/1919)

O apelo para o lado amador do esporte bretão era um dos poucos recursos que restavam para esses times que, já diante da comercialização do futebol, encontravam-se em posição de desvantagem, uma vez que, com a entrada dos cobres em cena, ficava difícil manter um jogador de qualidade jogando a troca apenas do prazer da vitória – ou, quando não, recebendo bem menos do que ganharia se defendesse outra equipe.

Pelo sem fio...Informações de toda parte [...]

Durval (C. A. C.) – Profissionalismo só no Vasco, cá em casa é só por amor – Flavio.

Chauffer, Esquerdinha, Pederneiras e Quintanilha (Vasco) – 10:000\$ é dinheiro pra burro, se arranjares pra mim irei também – Gonçalo. (Gazeta Suburbana, em 12/04/1919).

Os times dos subúrbios, portanto, perdem alguns de seus principais elementos, mas isso, por outro lado, não significa seu fim, uma vez que, com a difusão do esporte bretão naquela região e a consequente movimentação econômica que isso gerava, não era interessante apenas à Liga Metropolitana absorver uns poucos jogadores.

Dentro de uma relação conflituosa entre seus agentes, instituições como Madureira, Olaria e Bonsucesso passariam a integrar o que hoje chamamos de Campeonato Carioca (mas suas origens se deram com a Liga Metropolitana) ao longo das décadas seguintes, afinal de contas, uma vez que o futebol não pode ser monopólio de um pequeno grupo, ele se tornou absorvível de diversas maneiras pelos muitos grupos que o praticaram.

Conclusão

Longe de esgotar as discussões sobre o tema futebol nos Subúrbios, o presente trabalho almeja ser uma contribuição para futuros e necessários debates sobre o desenvolvimento desse esporte na região.

Na análise que fizemos aqui, buscamos apresentar como as práticas futebolísticas ganharam espaço em um cenário de crescimento esportivo maior e também por quais razões sua aceitação aconteceu em regiões outrora apresentadas como se não fossem capazes de desenvolvê-lo.

Por meio da criação de clubes e competições, o Subúrbio não só viu o futebol se entranhar no dia a dia, mas também ser organizado à semelhança do que aconteceu na região Central e no que hoje chamamos de Zona Sul.

Aliás, foi justamente por meio da prática desse futebol institucionalizado que os clubes de maior expressão no Rio de Janeiro tiveram contato com alguns jogadores que se tornariam extremamente importantes em sua história, como aconteceu com o goleiro Nelson no Vasco da Gama, após sair do Engenho de Dentro.

Neste processo, não deixamos de ressaltar a prática do futebol fora dos clubes, o chamado futebol em vias públicas, elemento importante para mostrar a difusão deste esporte, assim como o reflexo na economia e também na imprensa dos Subúrbios.

Tudo isso, por fim, teve como objetivo destacar que os clubes que perderam seus jogadores não o fizeram de maneira bestializada, passiva, como se fossem meros fornecedores de “pé-de-obra” para as equipes da Liga Metropolitana.

Percebendo o processo pelos quais passavam, os Subúrbios, por meio de seus times e da imprensa, tentaram remar contra a maré na qual haviam caído e são alguns desses conflitos que buscamos trabalhar no presente trabalho.

Referências

Bibliográficas

- **FERREIRA**, Jorge e **DELGADO**, Lucila de Almeida Neves (org). *O Brasil Republicano Volume I: O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008;
- **FILHO**, Mario. *O Negro no Futebol Brasileiro*. 4ª Edição, Rio de Janeiro: Mauad, 2003;
- **MARZANO**, Andrea e **MELLO**, Victor Andrade de (orgs). *Vida divertida: história do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930)*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010;
- **MELO**, Victor Andrade de. *Cidade sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2001;
- **PEREIRA**, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902 – 1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000;
- **SANTOS**, João Manuel Casquinha Malaia. *Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e inserção socioeconômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)*. Tese (Doutorado). São Paulo: USP, 2010;

- **SANTOS JUNIOR, N. J.** *Um jogo de representações: o futebol suburbano nos jornais da cidade do Rio de Janeiro (década de 1910)*. Goiânia: Pensar a Prática, v 16, n 4, out/dez 2013;
- **SANTOS JUNIOR, N. J., MELO, V. A.** “*Recrear, instituir e advogar os interesses suburbanos*”: posicionamentos sobre o futebol na *Gazeta Suburbana* e no *Bangú-Jornal (1918-1920)*. Porto Alegre: Movimento, v.20, n 01, jan/mar de 2014;
- **SANTOS JUNIOR, N. J., MELO, V. A.** *Violentos e desordeiros: representações de dois clubes do subúrbio na imprensa carioca (década de 1910)*. São Paulo: Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, v. 27, n 3, 2013 e
- **SOUZA, Glauco José Costa.** *Entre o cavalo e o barco, só podemos a bola – O processo de desenvolvimento do futebol no Rio de Janeiro entre as camadas populares no início do século XX*. Memória (Licenciatura). UFRRJ: Rio de Janeiro, 2015.

Fontes

- Jornal A Imprensa
- Jornal A Notícia
- Jornal Correio da Manhã
- Jornal do Brasil;
- Jornal Gazeta de Notícias
- Jornal Gazeta Suburbana
- Jornal O Paiz
- Jornal O Subúrbio
- Publicações da Camara Municipal
- Retrospecto Commercial
- Revista Contemporânea
- Revista Tico-Tico

